

Hã infiltrados nas milícias populares

Estava-se por alturas do levantamento da quota mensal do abastecimento.

Alguns, num bairro periférico da cidade, uma Cooperativa de Consumo servia centenas de sócios cujo «stock», lá em casa, deixou de existir estavam apenas passados quinze a vinte dias do mês. A ansiedade, motivada pela reclamação das barrigas, durava há 10 dias, no mínimo.

Um grupo de milícias lá do bairro resolveu ir «apanhar marginais» na bicha da Cooperativa: à fome juntou-se o medo, e as pessoas encontraram-se entre o dilema de perder o lugar para ir buscar os documentos, ou serem presas...

— Documento na mão — avisavam ameaçadora e arrogantemente os milícias.

Grande número de pessoas, maioritariamente mulheres, sem o hábito de andarem documentadas lá no campo, embora tivessem documentos em casa, não os traziam consigo. E ficaram detidas.

Os conhecidos correram a avisar familiares que pouco tempo depois trouxeram os documentos.

Mesmo assim, o grupo de milícias em causa decidiu que «para punir os prevaricadores» deviam acompanhá-lo à esqua-

dra da PPM mais próxima, que, sem exagero, distava do local pouco menos de sete quilómetros. Não passaram sequer pelo Posto de Verificação nem pelo secretário do GD do bairro.

Se é verdade que o cidadão deve andar sempre documentado não é menos verdade que uma acção educativa, sobretudo num bairro rural como o referido, deve ser empreendida pelas próprias estruturas políticas locais. E não se justifica, pensamos, deter cidadãos após os familiares terem trazido os documentos, e com a agravante de serem pessoas a quem se lhes conhecia suficientemente a conduta.

Nalguns bairros suburbanos aonde nos deslocámos recentemente, vários moradores queixaram-se de irregularidades cometidas por «alguns milicianos» com ou sem esse propósito, mas concorrendo assim para desvirtuar a verdadeira face e função daquelas unidades paramilitares.

Está claro que se trata de infiltrados, oportunistas e agitadores, e não de toda a estrutura das Milícias Populares. Mas claro está, também, que tais actos só promovem o descrédito de toda a estrutura.

Um dos responsáveis de GDs com quem falámos sobre o as-

sunto disse que, «os milícias estão a ser atacados por serem o exército forte da Operação Produção», o que sem dúvida também, tem a sua dose de verdade. Não faltam acusadores sem fundamentos, desonestos ou mal-intencionados. Mas a veracidade de muitas das acusações feitas leva a interrogarmos sobre os critérios de selecção dos elementos que compõem essas estruturas. Serão realmente os que têm o aval do Povo, ou exactamente o contrário? Alguns não serão os marginais que procuramos, e desempregados que se ocupam a criar intranquilidade nos bairros?

Outra questão se põe e não menos pertinente: Os Grupos Dinamizadores terão efectivamente um controlo destas unidades e estarão sob sua orientação as Milícias Populares? Se estão, há então muito que rever.

As milícias populares têm tradições de bravura e respeito pelo Povo, o que remonta aos tempos da Luta Armada de Libertação. Talvez falte às milícias dos nossos bairros aprender desta experiência...

HILÁRIO MATUSSE